

Projeto de pós-doutorado :

O olho e o olhar: fenomenologia e psicanálise nas obras de Merleau-Ponty e de Jacques Lacan

Pesquisadora: Paula Galhardo Cepil

Doutora em filosofia pela Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne

Supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle

Professor livre-docente do departamento de filosofia da Universidade de São Paulo

I. Resumo

Este projeto visa a investigar a problemática do olhar nas obras de dois autores centrais do pensamento francês do período do pós-guerra, Maurice Merleau-Ponty e Jacques Lacan. Nossa hipótese é que o problema do olhar, tal como elaborado por esses dois autores, coloca em questão uma concepção tradicional da percepção visual, à qual está estreitamente ligado o projeto fenomenológico. Se é incontestável que a visão joga um papel fundamental na fenomenologia desde seu início (segundo Husserl, ela seria, afinal, uma “visão de essências”), a percepção visual é considerada como o ato de um sujeito que, situado fora do mundo fenomenal, acede a um plano ótico do qual ele não faz parte. O fenômeno do olhar representa uma ruptura com essa ideia de visão, na medida em que sua aparição provoca uma reviravolta de perspectiva: o olhar não é um objeto que o olho do sujeito vê, mas a experiência de *ser visto*. O olhar que faz com que nos sintamos visíveis é geralmente atribuído ao outro, não sendo assim passível de apropriação pelo sujeito e revelando uma consciência cujo correlato não pode ser um objeto intencional. Embora a problemática do olhar como uma inversão da perspectiva fenomenológica – a passagem do *olho que vê* à experiência de *ser visto* – tenha sido primeiramente introduzida por Sartre, Merleau-Ponty e Lacan são os autores que radicalizam a ideia de que o sujeito da visão é tributário do fato que ele é visível, ou seja: que *antes* de ser *sujeito* da visão, ele é *objeto* visível. Amparando-se na hipótese segundo a qual Merleau-Ponty e Lacan concebem o olhar de uma maneira que implica uma ruptura com a fenomenologia intencional de origem husserliana (pois se trata de um fenômeno *não objetivável*), nossa pesquisa buscará propor uma aproximação e um diálogo inéditos entre as obras dos dois autores e, em última instância, entre a fenomenologia e a psicanálise.

**The eye and the gaze: phenomenology and psychoanalysis
in the works of Merleau-Ponty and Jacques Lacan**

Researcher: Paula Galhardo Cepil

PhD in philosophy (University of Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

Supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle

Professor (philosophy department of the University of São Paulo)

I. Abstract

This project aims at investigating the problem of the gaze in the works of two major French authors from the post-war period, Maurice Merleau-Ponty and Jacques Lacan. According to our hypothesis, the phenomenon of the gaze puts into question a traditional conception of visual perception, to which the phenomenological project is closely linked. As it is well known, the act of seeing plays a major role in phenomenology since its foundation by Husserl (for whom, phenomenology can be defined as a "vision of essences"). For phenomenology, visual perception is considered to be the act of a subject who is situated outside the world and who gains access to an optical plan from which he is excluded. The phenomenon of the gaze entails a crucial rupture with this conception of visual perception for it represents a reversal of the classical standpoint: the gaze is not an *object* that the subject sees with his eyes, but the experience of *being seen*. Feeling visible is then being *looked at*, which means that the intentional correlate of this form of experience cannot be an *object*. Although it was Sartre who firstly introduced the phenomenological problem of the gaze, it is Merleau-Ponty and Lacan who radicalized the following idea: *before being "seeing subjects", we are "seen subjects"*. Relying on the hypothesis according to which Merleau-Ponty and Lacan conceive the gaze in such a manner that it implies a radical rupture with classical phenomenology (because the gaze cannot be *objectified*), we will aim to flesh out the dialogue between those two authors on the issue and propose an innovative reading of the relations between phenomenology and psychoanalysis.

II. Enunciado do problema

Introdução

Nossa tese de doutorado teve como tema as relações entre a filosofia de Merleau-Ponty e o conceito de inconsciente tal como formulado por Freud¹. Nesse trabalho, mostramos que Merleau-Ponty busca traçar uma terceira via entre uma fenomenologia de inspiração existencial e a psicanálise. Por meio de um diálogo constante com o existencialismo de Sartre – criticado em razão da redução do inconsciente à má fé – e com o pensamento de Freud – o qual o autor procura livrar de certo “realismo naturalista” –, Merleau-Ponty constrói uma reflexão inédita que não somente reinterpreta o conceito freudiano de maneira inovadora, mas altera profundamente o projeto fenomenológico, na medida em que atribui à consciência uma parte de indeterminação e de opacidade². Centrando nossa pesquisa sobre a questão do desconhecimento (*méconnaissance*), nossa tese buscou mostrar o alcance e os limites dessa reinterpretação do inconsciente como dimensão da percepção, ou seja, como “saber não sabido” (*savoir non su*) que escapa à alternativa entre conhecimento e ignorância.

O presente projeto pós-doutoral se insere nessa mesma linha de pesquisa, prolongando nosso trabalho sobre as relações entre fenomenologia e psicanálise e procurando aprofundar certas pistas de reflexão encontradas ao longo de nossa tese. A partir do estudo de um problema partilhado por Merleau-Ponty e Lacan – o problema do olhar – visamos, primeiramente, aprofundar a questão do lugar da psicanálise no pensamento de Merleau-Ponty. Enquanto nossa tese de doutorado privilegiou as duas primeiras fases do pensamento de Merleau-Ponty (1942-1955), nossa pesquisa pós-doutoral se concentrará na última fase do pensamento do autor (1955-1961), contemplando assim o chamado “inconsciente ontológico” e buscando estudar as relações entre este último e o inconsciente dito existencial, que caracteriza as primeiras fases do pensamento de Merleau-Ponty³. Em segundo lugar, nosso projeto busca também preencher uma lacuna importante na pesquisa contemporânea sobre o pensamento francês do pós-guerra. Embora a amizade entre Merleau-Ponty e Lacan seja amplamente conhecida, existem poucos trabalhos que propõem análises satisfatórias das relações teóricas entre os

¹ Intitulada “*Perception et savoir non su : Merleau-Ponty et l’inconscient freudien*”, nossa tese foi defendida o dia 27 de novembro de 2015 na universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Essa tese foi financiada durante três anos pela universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne (“allocation-monitorat”) e durante um ano pela CAPES (bolsa de doutorado pleno no exterior). Nosso trabalho de tese obteve a menção mais alta (“très honorable avec les félicitations du jury”) e foi recomendado para publicação pela banca.

² Em nossa tese de doutorado, insistimos sobre a centralidade de Sartre para a recepção merleau-pontiana da psicanálise. No presente projeto de pós-doutorado, Sartre será também um autor fundamental, pois a filosofia sartreana não é somente central para Merleau-Ponty mas também para Lacan. No campo dos estudos merleau-pontianos, os trabalhos de E. Saint-Aubert tem contribuído para a reavaliação da importância do pensamento de Sartre para Merleau-Ponty ; ver principalmente Saint-Aubert (2004). A importância de Sartre para Lacan (principalmente na primeira fase do seu pensamento) é um ponto que tem sido ressaltado por certos autores contemporâneos, como Safatle (2006) e Leguil (2012).

³ Visamos assim, durante o desenvolvimento desse pós-doutorado, à publicação, em português, de um livro sobre Merleau-Ponty e a psicanálise, reunindo os resultados de nossa tese e dessa pesquisa pós-doutoral.

dois autores⁴. Finalmente, nossa pesquisa sobre o olhar será uma contribuição ao vasto debate sobre a possibilidade de um encontro entre a fenomenologia e a psicanálise. Tal contribuição partirá de uma interrogação precisa mas central: em que medida a subversão da perspectiva fenomenológica provocada pelo fenômeno do olhar permite aproximar fenomenologia e psicanálise sem escamotear as diferenças entre esses dois campos do saber heterogêneos?⁵

A) O primado da visão e o problema do olhar : a subversão sartreana da perspectiva fenomenológica

O problema da visão está no centro da tradição fenomenológica, e isto desde sua fundação por Husserl no início do século passado: enquanto *Wesensschau* ou “visão de essências” (Husserl, 2009), a fenomenologia se inscreve sem dúvida no prolongamento de uma longa tradição filosófica que atribui grande carga epistemológica à visão⁶. Precisamente por isso, a fenomenologia toma por objeto o *sujeito da visão* – o sujeito que vê –, mas ela parece não se interessar tanto pelo sujeito como objeto da visão, ou seja, o sujeito visto ou visível. O que está em jogo é, contudo, fundamental: como descrever essa experiência singular de ser visto e visível? Quais são as consequências para o sujeito que vê do fato de que ele é visto? De que maneira a fenomenologia pode dar conta de um fenômeno que parece entrar em contradição com o que define o sujeito conhecedor, isto é, a posição daquele que vê?

A origem de tais questões remonta às célebres páginas de *O Ser e o Nada*, nas quais Sartre afirma que a aparição do outro não é nada mais do que a aparição de um *olhar*. Segundo Sartre, o olhar não se confunde com a aparição dos *olhos* do outro, mas corresponde ao fato de que nos sentimos olhados ou visíveis. Esta experiência seria precisamente o que funda nossa relação com os outros: perceber o outro não é ver o outro, mas *ser visto* por ele. A perspectiva desenvolvida por Sartre implica uma reviravolta crucial, na medida em que o olhar do outro não é, como na obra de Husserl, um olhar “auxiliar”, ou seja, uma perspectiva complementar e análoga à minha que seria indispensável à constituição intersubjetiva do mundo: um *illic* que poderia ser meu *hic* (Husserl, 1995). Ao

⁴ Certos trabalhos recentes tem proposto diferentes leituras das conexões entre a obra de Merleau-Ponty a de Lacan, por exemplo Ayouch (2012), Dorfman (2007), Duportail (2008). Nossa pesquisa se singulariza face a tais leituras na medida em que propõe uma articulação entre os dois autores que parte de uma questão que é ao mesmo tempo *fundamental* e *circunscrita*: o olhar é um fenômeno localizado (que pode então ser estudado como tal), mas suas implicações atingem o âmago da fenomenologia enquanto campo disciplinar. Nossa perspectiva se opõe assim tanto a uma leitura que privilegia temas secundários ou marginais na obra dos autores, quanto a uma leitura que pretende apresentar uma confrontação global entre dois pensamentos heterogêneos. Evitamos assim dois riscos incorridos por outras leituras, a saber, o risco de se perder em temas que não são suficientemente centrais a ponto de permitir um verdadeiro diálogo entre duas perspectivas teóricas díspares e o risco de propor uma leitura demasiadamente englobante que elimina as tensões e as particularidades de cada posição teórica e de cada campo do saber. Sobre a possibilidade e os limites de uma confrontação entre o pensamento de Lacan e a filosofia, ver principalmente Safatle (2003).

⁵ Nesse sentido, podemos inscrever nosso projeto na linha de pesquisa *filosofia da psicanálise*, desenvolvida principalmente no Brasil. Como afirma Bento Prado (1991) no prefácio do livro que deu início a tal linha de pesquisa, trata-se não somente de uma reflexão *sobre* a psicanálise, mas de uma filosofia da psicanálise no sentido em que esta impõe aos filósofos mudanças no aparato conceitual da disciplina. Para um balanço contemporâneo do desenvolvimento da filosofia da psicanálise, ver Simanke (2001). Ver também a última edição da Revista *Dois Pontos*, dedicada à filosofia da psicanálise e a qual contribuimos com um texto sobre Merleau-Ponty e Georges Politzer (Galhardo, 2016b).

⁶ Sobre a particularidade da função da visão na fenomenologia, ver o livro sobre a percepção sensível na fenomenologia de Barbaras (1994). Para uma discussão sobre a existência de uma “metafísica da visão” na tradição fenomenológica, ver o livro recente de Cimino & Kontos (2015).

contrário, o olhar inverte a perspectiva fenomenológica, na medida em que aquele que vê – o sujeito conhecedor – passa a ser aquele que é visto, o *objeto da visão de um outro*. É exatamente esta inversão que exemplifica o famoso trecho de Sartre sobre o *voyeur* que espreita pelo buraco da fechadura:

“Imaginons que j’en sois venu, par jalousie, par intérêt, par vice, à coller mon oreille contre une porte, à regarder par le trou de la serrure. Je suis seul et sur le plan de la conscience non-thétique (de) moi. (...) Mon attitude, par exemple, n’a aucun « dehors », elle est pure mise en rapport de l’instrument (trou de la serrure) avec la fin à atteindre (spectacle à voir) (...) Or, voici que j’ai entendu des pas dans le corridor : on me regarde. Qu’est-ce que cela veut dire ? C’est que je suis soudain atteint dans mon être et que des modifications essentielles apparaissent dans mes structures – modifications que je puis saisir et fixer conceptuellement par le cogito réflexif. (...) La conscience irréfléchie ne saisit pas la personne directement et comme son objet : la personne est présente à la conscience en tant qu’elle est objet pour autrui. Cela signifie que j’ai tout d’un coup conscience de moi en tant que je m’échappe, non pas en tant que je suis le fondement de mon propre néant, mais en tant que j’ai mon fondement hors de moi.” (Sartre, 1943, p. 298)

A aparição do olhar do outro significa, primeiramente, uma inversão entre o *ver e o ser visto*: o sujeito que olha pelo buraco da fechadura se vê, de repente, visto, tornando-se então um *objeto* para o olhar do outro. Longe de ser um olhar auxiliar que garantiria a objetividade do mundo, o olhar sartreano vem desestabilizar a perspectiva do sujeito da visão: o *voyeur* não pode mais simplesmente permanecer absorto pelo espetáculo a ser visto, pois passa a fazer parte desse mesmo espetáculo. No vocabulário de Sartre, o sujeito que vê – o “para-si” – é assim *objetivado* pelo olhar do outro – e torna-se assim “para-outro”. O olhar do outro revela ao sujeito um outro ponto de vista sobre si mesmo, mas se trata um ponto de vista que lhe escapa em princípio: o para-si se torna um objeto olhado no olhar do outro, um objeto do qual ele – o para-si – está separado por uma distância irremediável, a da liberdade do outro. Por um lado, o para-si é esse objeto (a vergonha nada mais é que a confissão disto); por outro, ele o é à *distância* ou seja, jamais para si mesmo⁷. Assim, a objetivação operada pelo olhar alheio é vivida pelo para-si como uma verdadeira catástrofe ; e é por isso que Sartre assimila a experiência do olhar tanto a um roubo quanto a uma queda no sentido bíblico⁸. A razão para tal reside no fato de que a objetivação operada pelo olhar do outro priva o para-si do que lhe define, isto é, a transcendência ou a capacidade de constituir um mundo. Compreende-se então porque Sartre concebe

⁷ “[C]ette métamorphose s’opère à distance, pour l’autre, je suis assis comme cet encrier est sur la table ; pour l’autre, je suis penché sur le trou de la serrure, comme cet arbre est incliné par le vent. Ainsi ai-je dépouillé, pour l’autre, ma transcendance.” (Sartre, 1943, p. 301-302.)

⁸ “Un objet est apparu qui m’a volé le monde (Sartre, 1943, p. 295); “J’ai un dehors, j’ai une nature; ma chute originelle c’est l’existence de l’autre” (ibid, p. 302). Dentre as metáforas utilizadas por Sartre para caracterizar o olhar do outro, está também a de um furo de drenagem : “[l’univers] est percé par un trou de vidange” (ibid, p. 295)

a intersubjetividade em termos de conflito: o olhar do outro sendo necessariamente uma alienação, um fenômeno que destitui o para-si de sua posição de sujeito conhecedor, as relações ao outro são marcadas pela tentativa de se apropriar desse olhar alienante e de recuperar a posição do sujeito que vê⁹.

B) Reaprender a ver o mundo e o pensamento de sobrevoo: o projeto de Merleau-Ponty e a crítica de Sartre

Sem dúvida, as análises de Sartre sobre o olhar introduzem uma problemática inédita no campo da fenomenologia. Entretanto, elas permanecem dentro de um quadro teórico que faz do olhar do outro algo de completamente *exterior* ao sujeito. Claro, como já dissemos, o para-outro não é apenas uma projeção do outro, pois o olhar afeta profundamente o para-si, fazendo este passar da posição de sujeito à posição de objeto – um objeto que, em um certo sentido, o para-si *é*. Contudo, a objetivação que o olhar do outro opera permanece externa ao sujeito que é visto ; a prova disso está no fato que a aparição do olhar é descrita como uma catástrofe e um “roubo do mundo”. Assim, a questão que se coloca é a de saber como essas duas realidades – o *para-si* e o *para-outro* ou o sujeito da visão e o sujeito como objeto olhado – se comunicam ou se encontram. Esta questão está no centro da crítica de Merleau-Ponty à filosofia de Sartre, especialmente no que toca à maneira pela qual Sartre pensa a questão da alteridade. Tal crítica aparece já na *Fenomenologia da Percepção*, onde Merleau-Ponty afirma : “*si les autres hommes qui existent doivent être pour moi d’autres hommes, il faut que j’aie de quoi les reconnaître, il faut que les structures du pour Autrui soit déjà des dimensions du Pour soi*” (Merleau-Ponty, 1945, p. 521)¹⁰.

Ora, seria possível pensar o olhar do outro sem fazer desse fenômeno algo de completamente externo ao sujeito? Esta é precisamente a aposta de Merleau-Ponty, desenvolvida principalmente na última fase de seu pensamento: *propor uma fenomenologia do olhar renovada, sem fazer desse fenômeno uma catástrofe para o sujeito*. Por um lado, Merleau-Ponty critica duramente o caráter *objetivante* do olhar do outro na filosofia de Sartre. Por outro, ele busca tirar todas as consequências do fato de que somos não apenas sujeitos da visão, mas também seres vistos e visíveis. Esses dois gestos são solidários, na medida em que é a crítica à filosofia de Sartre – e à concepção de visão que ela encerra – que nos dá acesso a uma ideia inédita do que é *ver e ser visto*, que preserva o que o autor chama de o “enigma da visão”.

Como já foi amplamente ressaltado, a filosofia de Merleau-Ponty se apresenta como um projeto arqueológico que busca reencontrar o mundo antes da reflexão, mundo esquecido e enterrado sob as idealizações da ciência e da tradição filosófica. Afirmar que *a verdadeira filosofia é reaprender*

⁹ Ver o capítulo 3 da terceira parte de *O Ser e o Nada* “*Les relations concrètes avec autrui*” (Sartre, 1943).

¹⁰ Sobre a questão da articulação entre o para-si e o para-outro, ver nosso artigo sobre o problema da facticidade, Galhardo (2016b).

*a ver o mundo*¹¹ significa assim, primeiramente, questionar o mistério da visão e não reduzi-lo a um “pensamento de ver”. Um esforço central que atravessa toda a filosofia de Merleau-Ponty consiste a mostrar que as ideias de visão ou de pensamento *puro* (seja ele filosófico ou científico) são quimeras na medida em que elas fazem abstração do que lhes torna possíveis: um sujeito incarnado e situado em um mundo social e histórico. A esse tipo de pensamento abstrato, que nega o enraizamento da visão, Merleau-Ponty dá o nome de *pensée de survol* (pensamento de sobrevoos). A crítica ao pensamento de sobrevoos é uma preocupação central na última fase do pensamento de Merleau-Ponty, momento em que ela é em grande medida formulada como uma crítica à filosofia de Sartre.

Segundo Merleau-Ponty, embora a filosofia sartreana represente um avanço considerável em relação às filosofias da reflexão – na medida em que não confere positividade à subjetividade – ela não consegue dar conta do enraizamento do sujeito no mundo, ou da “mistura” entre o ser e o nada¹². É assim que a ontologia negativa de Sartre termina por hipostasiar o nada e torna impossível o encontro entre o sujeito – que é negatividade – e o mundo. A negatividade se transforma então em positividade e o mundo termina por ser destituído da opacidade e da profundidade que lhe são inerentes, vendo-se reduzido a uma visão do mundo.

O que nos interessa nessa crítica é que *a questão do olhar é absolutamente fundamental*. Nota-se, de imediato, como a visão – como capacidade e como metáfora – é onnipresente no texto de Merleau-Ponty. Primeiramente, Merleau-Ponty, critica a conceptualização sartreana do olhar como sendo uma experiência de *objetivação*. Tal experiência descreve um “olhar desumano”, aplicável somente “*si chacun sent ses actions non pas reprises et comprises, mais observées comme celles d’un insecte*” (Merleau-Ponty, 1945, p.431). Claro que Merleau-Ponty não procura negar que o olhar do outro possa ser objetivante; mas trata-se, para ele, de uma experiência mais específica e localizada do que nos quer fazer crer Sartre – ela corresponde por exemplo ao olhar de um estranho. E mesmo o olhar ameaçador de um estranho, insiste Merleau-Ponty, só nos aparece de tal maneira na medida em que se pressupõe algo comum entre eu e o outro. A ameaça que contém o olhar do outro só aparece como tal na medida em que é uma recusa de comunicação (é por isso, diz Merleau-Ponty, que o olhar de um animal não nos incomoda da mesma maneira). A crítica feita por Merleau-Ponty à concepção sartreana da intersubjetividade é bastante conhecida e, além disso, o que nos interessa aqui não é a afirmação segundo a qual a filosofia de Sartre seria incapaz de pensar o outro¹³. O ponto central para nós é que, para Merleau-Ponty, as análises de Sartre sobre o olhar revelam o pressuposto *fundamental embora implícito* das filosofias da reflexão : *a redução do sujeito a um olhar distanciado e puro*. É assim que a crítica é formulada no *Visível e Invisível*:

¹¹ “*La vraie philosophie est de reapprendre à voir le monde*” (Merleau-Ponty, 1945, p. VI.)

¹² Sobre essa questão, ver principalmente “*Interrogation et dialectique*” In Merleau-Ponty (1964)

¹³ Para uma análise aprofundada dessa questão, ver principalmente o capítulo “*Autrui*” In Barbaras (1991).

“Pour une philosophie qui s’installe dans la vision pure, le survol du panorama, il ne peut pas y avoir rencontre d’autrui : car le regard domine, il ne peut dominer que des choses, et s’il tombe sur des hommes, il les transforme en mannequins qui ne se remuent que par des ressorts. Du haut des tours de Notre Dame, je ne puis, quand je le voudrais, me sentir de plain-pied avec ceux qui, enclos dans ces murs, y poursuivent des tâches incompréhensibles. Les lieux hauts attirent ceux qui veulent jeter sur le monde le regard de l’aigle. La vision ne cesse d’être solipsiste que de près, quand l’autre retourne contre moi le faisceau lumineux où je l’avais capté, précise cette attache corporelle que je pressentais dans les mouvements agiles de ses yeux, élargit démesurément ce point aveugle que je devinais au centre de ma vision souveraine.” (Merleau-Ponty, 1964, p. 107)

Se o sujeito é considerado uma visão pura – um olhar distanciado sem enraizamento no mundo – a intersubjetividade se torna sem dúvida impossível: um olhar puro transforma o que vê em objeto e não pode ver o outro como um outro sujeito. Tal filosofia, insiste Merleau-Ponty, permanece em seu fundo solipsista em razão da alternativa a partir da qual ela pensa, a saber, a alternativa entre um eu-sujeito e um outro-objeto. A maneira através da qual Sartre dá conta da intersubjetividade permanece prisioneira dessa alternativa e por isso a experiência do outro se vê reduzida à experiência do para-outro, isto é, a alteridade é tida como equivalente ao olhar do outro sobre mim. Para Merleau-Ponty, a filosofia de Sartre não somente termina por não dar conta da experiência do Outro, mas permanece cativa de uma fascinação pela dimensão da imagem, que nada mais é que a objetivação de si no olhar do Outro. Para utilizar os termos de Lacan, podemos dizer que Merleau-Ponty critica o caráter *imaginário* da filosofia de Sartre. Em outras palavras, segundo Merleau-Ponty, afirmar que a experiência do outro se confunde com a experiência do para-outro significa situar a relação ao outro no âmbito da dominação, do conflito e do primado do especular¹⁴.

Não obstante, a crítica merleau-pontyana ao conceito sartreano de olhar vai ainda mais longe, pois ela aponta para o fato que tal posição – *“qui s’installe dans la vision pure”* – repousa sobre uma atitude de *denegação*. O caráter imaginário da filosofia de Sartre não se reduz assim a uma interpretação errônea do que é a visão, mas ele revela uma atitude que busca *negar* nosso enraizamento no mundo. Sartre adota assim a atitude do *“voyant qui oublie qu’il a un corps (...) qui essaye de forcer le passage vers l’être pur et le néant pur en s’installant dans la vision pure, mais qui est renvoyé à son opacité de voyant et à la profondeur de l’être”* (Merleau-Ponty, 1964, p. 106-107).

¹⁴ Nas aulas ministradas por Merleau-Ponty sobre a psicologia da criança (Merleau-Ponty, 1975), essa crítica é bastante explícita. Merleau-Ponty analisa o amor-ciúme proustiano, que Sartre toma no *O Ser e o Nada* como paradigma do amor. Segundo Sartre, o amor é intrinsecamente ciúme (*jalousie*) pois ele se confunde com a tentativa de se apoderar da liberdade do Outro. O que aquele que ama quer é ser amado pelo Outro, ou seja *“l’amour veut captiver la conscience”*, (Sartre, 1943, p. 416.) Ora, para Merleau-Ponty, longe de ser o paradigma de todo amor, essa tentativa de se apoderar da liberdade do Outro para ser amado por seu olhar é a marca de um amor fascinado pelo espetáculo de si mesmo: amor narcisista ou *imaginário* (no sentido de Lacan).

A redução do sujeito a um olhar puro – presente na tradição filosófica desde Platão e radicalizada na filosofia de Sartre – representa assim uma posição narcisista que *denega* o que precede nossa visão, a saber nosso enraizamento no mundo. *É a partir desse enraizamento que Merleau-Ponty buscará repensar a questão do olhar, não como olhar objetivante que acarretaria uma catástrofe, mas como um dimensão essencial do sujeito da visão.*

C) *A visibilidade merleau-pontiana : uma fenomenologia do olhar renovada ou o entrelaçamento entre o olho e o olhar*

Embora Merleau-Ponty critique a redução do sujeito à visão operada na filosofia de Sartre, o gesto do autor não consiste numa desvalorização do fenômeno do olhar; ao contrário, o projeto filosófico de Merleau-Ponty *busca aprofundar o sentido do ver* e isso implica levar em consideração a reviravolta introduzida pelo olhar. Na *Fenomenologia da Percepção*, esse aprofundamento se concentra no que é ver para o sujeito incarnado e situado, ao passo que em obras mais tardias, Merleau-Ponty considera a questão do ver como um *entrelaçamento necessário entre ver e ser visto*. Por um lado, a última filosofia de Merleau-Ponty tece uma crítica bastante depurada da filosofia negativa de Sartre e da concepção objetivante do olhar que ela encerra. Por outro, Merleau-Ponty procura pensar de maneira mais rigorosa a questão do olhar como um componente necessário da visão. Trata-se então de uma crítica a Sartre que busca dar o devido valor ao fato que o sujeito não é somente aquele que *vê* mas também aquele que é *visto*:

“Dès que je vois, il faut (comme l’indique si bien le double sens du mot), que la vision soit doublée d’une vision complémentaire ou d’une autre vision : moi-même vu du dehors, tel que l’autre me verrait, installé au milieu du visible, en train de le considérer d’un certain lieu.” (Merleau-Ponty, 1964, p. 177)

Mas o que o que significa então *ser visto* ? Para Merleau-Ponty, dizer que o sujeito é visto significa em primeiro lugar que ele é visível, ou seja, que, de uma certa maneira, ele também faz parte da *visibilidade do mundo*. Essa ideia prolonga sem dúvida as análises da *Fenomenologia da Percepção* que buscam evidenciar a dimensão de encarnação da subjetividade. Entretanto, a reflexão do último Merleau-Ponty sobre o que ele chama visibilidade não se limita ao problema da encarnação do sujeito (que, tendo um corpo, se torna evidentemente visível). Tal reflexão vai além na medida em que afirma que o sujeito não é uma negatividade separada do mundo, mas um ponto de articulação entre negatividade e ser, entre visão e mundo – em resumo, o sujeito é um *entrelaçamento (entrelacs) entre o olho e o olhar, entre o ver e o ser visto*. Merleau-Ponty abandona assim o campo sartreano do olhar: o olhar do qual fala o autor não é mais uma transformação em objeto, isto é, não se trata de uma objetivação que implicaria uma luta e nos colocaria necessariamente no campo do *imaginário* (no

sentido lacaniano). O que está em questão, para Merleau-Ponty, é a *visibilidade em si mesma* ; visibilidade que é ao mesmo tempo *a nossa e a do mundo*.

Assim, o que Merleau-Ponty introduz é o primado da visibilidade sobre a visão do sujeito, o que poderíamos formular da seguinte maneira: *antes de ser um sujeito que vê, o sujeito é visível, pois faz parte da visibilidade do mundo*. O germe dessa ideia se encontra nas aulas ministradas por Merleau-Ponty sobre a psicologia da criança, principalmente naquelas que tratam do *estádio do espelho* nas obras de Henri Wallon e Jacques Lacan (Merleau-Ponty, 1975, 2001). Nessas aulas, Merleau-Ponty insiste sobre a importância do olhar do outro, não como operador de objetivação, mas como o que permite à criança entrar na dimensão da visibilidade. O chamado *estádio do espelho* não é assim apenas uma aquisição de conhecimento (a criança compreende que ela é a imagem refletida), mas a entrada numa nova dimensão da existência, a dimensão da visibilidade. É somente a partir dessa entrada que a criança se reconhece como uma perspectiva singular, separada da do outro. Ora, na medida em que a criança entende que a imagem que vê no espelho *é ela* e simultaneamente o que *o outro vê dela*, a imagem de si e o olhar do outro estarão intrinsecamente ligados. Entretanto, para Merleau-Ponty, isso não significa uma relação de objetivação e de luta, mas uma relação de *identificação*, no sentido psicanalítico, o que introduz uma complexidade inédita na relação entre o sujeito e o outro de um ponto de vista fenomenológico.

Na última fase do pensamento de Merleau-Ponty, esta temática é retomada sob o nome de *visibilidade* ou *enigma da visibilidade*. Para desenvolver essa problemática, Merleau-Ponty se serve muitas vezes da arte pictural, como em *O olho e o espírito*, onde ele afirma que o olho nos coloca diretamente em contato com as coisas na medida em que se deixa “comover” pelo mundo:

“Instrument qui se meut lui-même, moyen qui s’invente ses fins, l’œil est ce qui a été ému par un certain impact du monde et le restitue au visible par les traces de la main. Dans quelque civilisation qu’elle naisse, de quelques croyances, et quelques motifs, de quelques pensées, de quelques cérémonies qu’elle s’entoure, et lors même qu’elle paraît vouée à autre chose, depuis Lascaux jusqu’à aujourd’hui, pure ou impure, figurative ou non, la peinture ne célèbre jamais d’autre énigme que celle de la visibilité.” (Merleau-Ponty, 1960, p. 26)

Assim, o artista é aquele que celebra o *enigma da visibilidade* (e não somente da visão) pois, para transformar o mundo em pintura, ele se deixa primeiro comover pelo mundo mesmo. A pintura mostra que a visão não é uma operação distanciada do mundo, mas algo como uma *restituição do que foi emprestado à visibilidade do mundo*. Ela expressa assim uma inversão radical: a visão do artista não é o ponto de partida de uma constituição (no sentido fenomenológico de Husserl), mas o ato de um sujeito incarnado, que é uma articulação ou um entrelaçamento, ou seja, ponto no qual se opera

uma restituição da visibilidade mesma. Em outras palavras, questionando a visibilidade, deixando o mundo comovê-lo, o artista é aquele que *nos faz ver* o mundo através da pintura, restituindo através dos movimentos do pincel uma visibilidade que é anterior a sua visão – é por isso que uma das características mais importantes da visibilidade é a *reversibilidade*. Ora, a questão fundamental é a de saber qual estatuto conferir à visibilidade, dimensão anterior a nossa visão e à qual pertencemos. É precisamente aqui que Merleau-Ponty introduz a enigmática ideia de um olhar do mundo, retomando uma afirmação bastante conhecida de Paul Klee:

« Dans une forêt, j'ai senti à plusieurs reprises que ce n'était pas moi qui regardait la forêt. J'ai senti, certains jours, que c'étaient les arbres qui me regardaient, qui me parlaient... Moi j'étais là en écoutant... Je crois que le peintre doit être transpercé par l'univers et non vouloir le transpercer » (Paul Klee citado por Merleau-Ponty, 1960, p. 31).

Assim, o fenômeno que Sartre chama de o “olhar do outro” se aproxima, na obra de Merleau-Ponty, de um olhar *do mundo*, fenômeno que estaria na base do ato do artista. Para Merleau-Ponty, a experiência da qual fala Paul Klee revela uma verdade filosófica que vai muito além da prática artística: *antes de sermos sujeitos da visão, nós nos sentimos olhados pelo mundo, ou seja, concernidos ou interpelados pela visibilidade que nos cerca*. O sentido duplo do verbo ver, sobre o qual insiste Merleau-Ponty em um trecho já citado por nós, significa que ver não é somente um ato que nos permite aceder a um plano ótico, mas um ser visto que significa, antes de tudo, se sentir concernido pelo mundo que precede o ato mesmo de ver. Se o artista tenta restituir esse olhar transformando-o em quadro, o filósofo se esforça de pensar essa movimento de interpelação do visível. A ambiguidade da língua francesa é nesse ponto reveladora: falar de um olhar do mundo quer dizer que o mundo *nous regarde*, ou seja, nos diz respeito ou concerne.

D) O olhar merleau-pontiano e o inconsciente: Lacan leitor de Merleau-Ponty

Lacan (1975) faz referência à fenomenologia do olhar já em seu primeiro Seminário¹⁵, onde o “retorno a Freud” é efetuado a partir das categorias de imaginário e de simbólico. O que está em questão nesse momento, para Lacan, é o olhar objetivante do outro teorizado por Sartre em *O Ser e o Nada*. Por um lado, Lacan elogia o gesto teórico de Sartre que coloca em evidência o olhar como um fenômeno particular, isto é, não perceptível como os outros objetos, mas precisamente um ponto de inflexão: um “roubo do mundo” ou um “furo de drenagem” no mundo. O grande mérito de Sartre, para Lacan, é de ter colocado em evidência que o que determina o olhar é seu caráter imperceptível e elusivo¹⁶. Por outro lado, nesse primeiro Seminário, Lacan critica a concepção sartreana da

¹⁵ Ver principalmente *lição XVII* (Lacan, 1975).

¹⁶ “[L]e regard se spécifie comme insaisissable.”, (Lacan, 1973, p. 79.)

intersubjetividade pois esta se limitaria ao plano do imaginário, revelando assim o impasse ao qual se confronta a fenomenologia quando esta tenta pensar a relação ao outro. Essa análise de Lacan apresenta convergências importantes com as considerações de Merleau-Ponty: o olhar é sem dúvida um objeto particular (não-objetivável) que representa uma ruptura com o discurso fenomenológico clássico (husserliano), mas ele não pode ser pensado no âmbito de uma relação onde se é ou sujeito ou objeto. É precisamente dentro desta alternativa (sujeito/objeto) que se desenvolve a análise de Sartre, pautada pela oscilação entre o para-si e o para-outro.

Em 1964, no Seminário XI, Lacan (1973) retoma a fenomenologia do olhar, mas toma como referência privilegiada a última obra de Merleau-Ponty, publicada de maneira póstuma, *O Visível e o Invisível*¹⁷. Segundo Lacan, é precisamente a questão do olhar que permite evidenciar um ponto de encontro entre a fenomenologia de Merleau-Ponty e a psicanálise. Elogiando a reviravolta ontológica (“le retournement ontologique”) do último Merleau-Ponty, Lacan afirma que o fenomenólogo “força os limites” da fenomenologia, na medida em que se propõe a pensar um fenômeno – o olhar – que sempre foi ocultado pela tradição filosófica que, por sua vez, privilegia exclusivamente a visão (ou o olho do sujeito conhecedor). Em outras palavras, para Lacan, Merleau-Ponty abre caminho para que possamos pensar algo como *um olhar do mundo*, olhar que precede toda visão e vai muito além das relações intersubjetivas (isto é, imaginárias).

“Maurice Merleau-Ponty fait maintenant le pas suivant en forçant les limites de cette phénoménologie même. Vous verrez que les voies par où il vous mènera ne sont pas seulement de l’ordre du visuel, puisqu’elles sont à retrouver – c’est là le point essentiel – la dépendance du visible à l’égard de ce qui nous met sous l’œil du voyant. Encore est-ce trop dire, puisque cet œil n’est que la métaphore de quelque chose que j’appellerais la pousse du voyant – quelque chose d’avant son œil. Ce qu’il s’agit de cerner, par les voies du chemin qu’il nous indique, c’est la préexistence d’un regard – je ne vois que d’un point, mais dans mon existence je suis regardé de partout.”(Lacan, 1973, p. 69)

Tentemos de compreender essa citação extremamente densa de Lacan. Primeiramente, apoiando-se nas análises de Sartre, Merleau-Ponty “força os limites da fenomenologia” pois se compromete a pensar um objeto evanescente, fora do campo estritamente fenomenológico (campo do que aparece ou do que vemos). Em segundo lugar, Merleau-Ponty pensa o olhar sem permanecer prisioneiro da alternativa fenomenológica (e sartreana) entre sujeito e objeto: caracterizando-o como um fenômeno reversível, Merleau-Ponty abre espaço para pensarmos um sujeito que não é uma visão

¹⁷ Em 1961, Lacan publica também, na revista *Les Temps Modernes*, uma homenagem póstuma a Merleau-Ponty, que falecera neste mesmo ano. Nesse momento, o *Visível e Invisível* ainda não foi publicado e Lacan refere-se somente à *Fenomenologia da Percepção* e a *O olho e o Espírito*; ver “Maurice Merleau-Ponty” in Lacan (2001).

que constitui o mundo, mas um sujeito que é interpelado pelo olhar do mundo. É nesse sentido que o olhar merleau-pontiano significa uma ruptura radical – muito mais radical do que aquela efetuada por Sartre – com a fenomenologia clássica husserliana (para a qual a percepção é o ato de um sujeito não mundano que acede a um mundo de objetos).

Mas em que medida essa análise do olhar permitiria uma aproximação com a psicanálise? O objeto da fenomenologia é a visão do sujeito, o que vemos ou percebemos. Ora, para o último Merleau-Ponty, a visão que a fenomenologia descreve *depende* da visibilidade mesma ou de um olhar que precede a *visão* do sujeito. É nesse sentido que Merleau-Ponty permanece fenomenólogo – ele questiona a visão do sujeito – mas termina por forçar os limites da perspectiva fenomenológica – pois ele encontra algo que *não somente é anterior à visão, mas que a precede e condiciona*. Na medida em que Merleau-Ponty situa no centro da visão algo que se dissimula e que a precede, o autor encontra, segundo Lacan, a questão do inconsciente como ponto cego da visão¹⁸. No *Seminário XI*, o inconsciente é descrito por Lacan precisamente como o que condiciona a nossa visão e, no entanto, não aparece. É assim que o olhar do mundo do qual fala Merleau-Ponty é recuperado por Lacan para pensar a questão do inconsciente como algo que permanece oculto e evasivo, mas pode surgir inesperadamente.

Reinterpretando assim o olhar merleau-pontiano como análogo ao inconsciente, Lacan desenvolve sua própria leitura da obra do último Merleau-Ponty. Segundo tal leitura, Merleau-Ponty se esforçaria para incorporar a dimensão da pulsão à visão. É importante lembrar que o conceito de inconsciente desenvolvido por Lacan nesse *Seminário* privilegia, por um lado, o inconsciente pulsional, dimensão que se abre e se fecha de maneira evanescente e, por outro, a pulsão escópica. É nesse sentido que Lacan se apoia na fenomenologia do olhar de Sartre e de Merleau-Ponty para afirmar a existência de uma disjunção do olho e do olhar (*la schize de l'oeil et du regard*). Como já afirmava Sartre, os olhos e o olhar não se confundem pois ver o olhar é fazer desaparecer os olhos. Se a referência de Sartre é aos olhos e ao olhar do Outro, na leitura de Lacan, essa disjunção significa que o olhar se encontra sempre amparado pela pulsão – o olho é assim, como ele afirma no texto citado, uma metáfora para a “pousse du voyant”. O olho que se deixa comover pelo mundo do qual fala Merleau-Ponty é assim reinterpretado como órgão fonte da pulsão e ponto de inflexão ou de reversibilidade.

Assim, articulando a visão à pulsão freudiana, Lacan se reclama explicitamente das análises de Merleau-Ponty sobre o olhar e a visibilidade. Podemos dizer que Lacan retoma três pontos principais da teoria de Merleau-Ponty: a) ela apresenta um olhar que precede a visão e a condiciona; b) ela faz do sujeito não o ponto de partida de uma visão desengajada, mas o ponto de articulação entre *ver* e *ser visto*; c) ela confere uma grande importância ao olho como órgão que se deixa comover, permitindo

¹⁸ Nesse sentido, se referir à nota de trabalho de Merleau-Ponty intitulada “*Cécité (punctum caecum) de la conscience*”, (Merleau-Ponty, 1964, p. 296.)

assim uma possível articulação entre percepção e pulsão. É importante ressaltar que em *Pulsões e suas vicissitudes*, Freud (1946) toma como exemplo de inversão em seu contrário o binário voyeurismo e exibicionismo. Ora, isso significa que tanto o voyeur – aquele que vê – quanto o exibicionista – aquele que mostra – buscam a mesma satisfação pulsional. Em outras palavras, *ver* como *ser visto* são modalidades reversíveis de satisfação da pulsão escópica. Se Lacan prolonga as análises de Merleau-Ponty situando o sujeito em um ponto de articulação entre ver e ser visto, para Lacan, esse entrelaçamento (*entrelacs*) não é uma espécie de convivência ontológica, mas uma inversão de ordem pulsional.

E) Nossa hipótese de trabalho : o problema do olhar como ponto de articulação entre a fenomenologia e psicanálise

À luz das perspectivas que apresentamos e das considerações que desenvolvemos nos itens anteriores, podemos formular a hipótese cujo alcance e os limites pretendemos pôr à prova nessa pesquisa. *Nossa hipótese é que a problemática do olhar permite uma aproximação entre fenomenologia e psicanálise na medida em que representa uma ruptura com a concepção fenomenológica clássica da percepção, isto é, como percepção de objeto por um sujeito que não faz parte do mundo de objetos.* A fenomenologia se define como um discurso sobre os fenômenos, sobre o que aparece ou se vê. Na filosofia de Husserl e mesmo na de Sartre, o fenômeno pode ser definido como um objeto que aparece a um sujeito: perceber é o ato pelo qual um sujeito (transcendental, isto é, *fora do mundo*) acede a um campo de objetos. Enquanto condição de possibilidade da fenomenalização, o sujeito não faz parte do campo do visível. Sartre partilha essa ideia com a fenomenologia husserliana e é por isso que o olhar é uma catástrofe metafísica que acarreta uma fuga do mundo – é também por essa razão que ele se vê confrontado com grandes dificuldades para articular o para-si e o para-outra. Pensando o fenômeno do olhar como *olhar do mundo*, Merleau-Ponty e Lacan radicalizam a ideia segundo a qual se trata de um fenômeno não-objetivável (que não aparece como as outras coisas do mundo) e colocam em questão a ideia mesma de um sujeito *fora do mundo* que vê mas não participa à visibilidade das coisas.

Assim, colocando em questão a ideia segundo a qual a percepção seria o ato de um sujeito fora do mundo que acede a um campo de objetos, o olhar abre caminho para um diálogo entre fenomenologia e psicanálise. Afinal, a grande dificuldade de estabelecer um diálogo entre uma filosofia do que se vê com a psicanálise reside no fato de que a segunda se interessa principalmente pelo que não se vê, pelo que é evanescente e dificilmente objetivável. A temática do olhar e as convergências entre as análises de Merleau-Ponty e de Lacan justificam plenamente essa aproximação (sugerida por ninguém menos que o próprio Lacan). Amparando-nos nessa hipótese, nós desenvolveremos nossa pesquisa ao longo de três eixos temáticos.

Primeiramente, o desenvolvimento de nossa hipótese buscará mostrar como a reflexão de Merleau-Ponty sobre o que autor chama visibilidade revela uma confluência com a psicanálise, na medida em que, enraizando a visão no corpo *sensível* e *visível*, ela é necessariamente conduzida à questão do desejo e da pulsão. No que diz respeito ao corpo sensível, é importante lembrar que, desde a *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty insiste no caráter incarnado e sexual da percepção¹⁹. A partir de *O olho e o espírito*, é o olho como órgão da visão que aparece como o que é diretamente comovido pelo mundo. Além disso, ao afirmar a precedência de um olhar do mundo que constituiria o ponto cego da visão, a elaboração de Merleau-Ponty apresenta afinidades importantes com a concepção lacaniana do inconsciente como o que condiciona nossa visão mas não aparece. Articulando tais questões, nossa pesquisa pretende contribuir ao debate sobre as relações entre a última filosofia de Merleau-Ponty e a psicanálise e a propor uma resposta a uma questão bastante controversa entre os comentadores: a questão de saber se a última filosofia de Merleau-Ponty abre espaço para as dimensões do desejo e da pulsão. Se leituras como a de Pontalis (1968, 1971) tendem a destacar a insuficiência da filosofia merleau-pontiana nesse sentido, outros autores, entre os quais Renaud Barbaras (1995, 2001), propõem uma leitura segundo a qual a última filosofia de Merleau-Ponty não somente abre espaço para o desejo, mas ultrapassa a divisão clássica entre percepção e pulsão²⁰. O que estará no centro de nossa contribuição a esse debate é uma tentativa de mostrar como é precisamente a reflexão sobre a visibilidade que conduz Merleau-Ponty a repensar a divisão entre desejo e percepção (ou pulsão e visão) e, assim, aproximar-se da psicanálise.

Em segundo lugar, a aplicação de nossa hipótese visará mostrar como a retomada da fenomenologia do olhar conduz Lacan a uma recuperação do discurso fenomenológico sobre a visão de uma perspectiva psicanalítica. Ora, a psicanálise tende a desmerecer o discurso fenomenológico pois esse é uma descrição da consciência, do que se vê, ao passo que a psicanálise tem por objeto precisamente algo que não aparece, o inconsciente. Entretanto, considerando que o visível tem mais profundidade do que se crê e que existe algo que *precede* a visão do sujeito, a perspectiva de Merleau-Ponty abre espaço para uma dimensão de invisibilidade e, nessa medida, torna possível um diálogo entre fenomenologia da percepção e a psicanálise. Esse diálogo não significa simplesmente que a fenomenologia incorpora a seu horizonte algo da psicanálise (a dimensão do olhar), mas que a psicanálise reinveste os conceitos fenomenológicos de outra maneira e se interessa pela questão da visão de uma outra perspectiva. Se nos primeiros seminários de Lacan a fenomenologia é alvo de críticas pois representa os impasses de uma filosofia da intersubjetividade, presa à dimensão do imaginário, a posição de Lacan quanto à fenomenologia em 1964 é bastante diferente, pois ela coloca a teoria de Merleau-Ponty no centro de suas elaborações sobre o olhar. Isto é, a retomada temática do

¹⁹ Ver principalmente "*Le corps comme être sexué*" In Merleau-Ponty (1945).

²⁰ Nessa mesma linha, ver também as análises de Renault (2001).

olhar leva Lacan a revalorizar o discurso fenomenológico²¹, considerado a partir de então não como discurso imaginário, mas como situado no terreno da pulsão escópica.

Finalmente, debruçando-nos sobre uma questão central para o pensamento francês do pós-guerra negligenciada pela pesquisa contemporânea²², nossa pesquisa pretende propor uma reflexão sobre as relações entre fenomenologia e psicanálise nas obras dos dois autores privilegiados : por um lado, a perspectiva fenomenológica que busca descrever o que vemos (o olho), por outro, a psicanálise como discurso sobre algo que não vemos e que, à partir da dimensão da pulsão, precede e condiciona nossa visão (o olhar). Articulando o entrelaçamento dessas duas perspectivas nas obras de Merleau-Ponty e Lacan, nossa pesquisa pretende ser uma contribuição original não somente para a pesquisa contemporânea sobre o pensamento francês, mas também para o amplo debate sobre as relações entre fenomenologia e psicanálise.

III. Resultados esperados

Nossa pesquisa será desenvolvida ao longo dos três eixos temáticos acima descritos e visará a um duplo objetivo científico.

A) Propor uma reflexão sobre uma questão que, embora crucial, tem sido negligenciada pela literatura que trata das relações entre Merleau-Ponty e Lacan: o olhar como temática articuladora de uma afinidade fundamental entre as perspectivas dos dois autores. Por um lado, nós buscaremos mostrar que tal problema conduz Merleau-Ponty, na última fase de seu pensamento, a aproximar-se da perspectiva psicanalítica, na medida em que o leva a incorporar a questão da pulsão à percepção. Por outro, nós mostraremos como, tomando como ponto de partida a visibilidade merleau-pontiana, a psicanálise de Lacan evidencia uma influência e uma revalorização da perspectiva fenomenológica, situando-a no terreno da pulsão escópica. Nossa pesquisa pretende assim constituir uma contribuição relevante ao estudo das relações teóricas entre o pensamento de Merleau-Ponty e o de Lacan.

B) Propor uma leitura original das relações entre fenomenologia e psicanálise à luz da problemática privilegiada, o olhar. Como tentamos demonstrar ao longo desse projeto, a temática do olhar, enquanto

²¹ Sobre esse ponto, nossa pesquisa estabelecerá um diálogo com os trabalhos de Baas (1998) sobre a articulação entre o pensamento de Lacan e a fenomenologia, a partir da questão do objeto *a*. Visaremos também a dialogar com os trabalhos de Duportail (2008), que tentam articular fenomenologia e o *último Lacan* e Leguil (2012), sobre Lacan e a filosofia existencial sartriana.

²² Um dos únicos autores a apontar essa lacuna na pesquisa contemporânea é Rudolf Bernet (2004). Segundo o autor, que consagra um artigo à questão, a temática do olhar opera uma renovação da fenomenologia francesa pois, através da introdução de um fenômeno que ele chama de “profundo”, introduz uma ruptura histórica com um dogma husserliano até então aceito: a rejeição de um mundo metafísico que estaria além dos fenômenos visíveis. Em nossa pesquisa, tentaremos esclarecer as afinidades e as divergências entre a hipótese central de nossa pesquisa e a hipótese de Bernet, enunciada dentro da perspectiva de uma história da fenomenologia.

fenômeno que representa uma ruptura com a perspectiva fenomenológica clássica (um sujeito que vê sem fazer parte do campo da visão), abre caminho para um possível diálogo entre fenomenologia e psicanálise. Assim, a partir de uma problemática compartilhada por Merleau-Ponty e por Lacan, nosso trabalho buscará elucidar as diferentes vertentes desse diálogo, destacando os pontos de convergência e de divergência entre as perspectivas fenomenológica e a psicanalítica e contribuindo, assim, para o debate sobre as conexões entre esses dois campos disciplinares.

IV. Desafios científicos e meios e métodos para superá-los

Uma das grandes dificuldades de nossa pesquisa é a de encontrar pontos de convergência entre duas obras oriundas de campos disciplinares diferentes sem fazer desaparecer a especificidade de cada um desses campos. Nós estaremos particularmente atentos a esse desafio e, nesse sentido, gostaríamos de inscrever nosso trabalho na linha de pesquisa “filosofia da psicanálise”, definida por Prado (1991) como um esforço duplo: propor uma reflexão filosófica (conceitual) sobre a psicanálise e ao mesmo tempo adaptar os recursos da filosofia de modo a encontrar instrumentos adequados para pensar sobre a psicanálise. Escapa-se assim a um duplo perigo: o de ceder sobre o rigor conceitual da filosofia e o de desnaturar a psicanálise para fazê-la entrar no discurso filosófico.

Além das obras de Merleau-Ponty e de Lacan citadas na bibliografia, o presente trabalho utilizará como material de apoio um grande número de comentadores e de estudos sobre as questões abordadas. Ainda serão utilizadas as notas não publicadas de Merleau-Ponty, disponíveis na biblioteca nacional da França. A importância dessas notas não pode ser subestimada, principalmente para o nosso tema. Primeiramente, a obra de Merleau-Ponty tendo sido interrompida por sua morte súbita, as notas de trabalho do autor dão expressão a intuições de sua filosofia que não puderam ser desenvolvidas sob forma de uma obra acabada. Em segundo lugar, é bom lembrar que Merleau-Ponty frequentava os seminários de Lacan nessa época e que suas notas de trabalho contém referências diretas ao pensamento e ao conteúdo dos seminários de Lacan.

V. Cronograma de execução do projeto

Durante todo o período de vigência da bolsa: encontros regulares com o orientador e com o grupo de estudos por ele dirigido; apresentações de nosso trabalho em eventos nacionais e internacionais.

Primeiro semestre: Leitura detalhada e sistemática das últimas obras de Merleau-Ponty (principalmente o *Visível e o Invisível* e o *Olho e o espírito*) e exploração inicial da bibliografia de comentadores que lhes é dedicada. Estudos dos textos de Lacan nos quais ele se refere à questão do

olhar e a Merleau-Ponty (principalmente seminários I, II e XI e o texto de homenagem a Merleau-Ponty publicado em *Autres écrits*). Revisão bibliográfica e seleção dos comentadores principais (de Lacan e de Merleau-Ponty) que figurarão em nosso estudo.

Segundo semestre: Análise minuciosa das aulas ministradas por Merleau-Ponty de 1955 a 1960 e das notas de trabalho não publicadas desse mesmo período. Consulta às notas disponíveis na Biblioteca Nacional Francesa (período de cinco semanas previsto para a realização desse trabalho). Redação de um artigo longo e detalhado, a ser publicado em um periódico especializado de grande visibilidade, sobre o lugar na fenomenologia na obra de Lacan.

Terceiro semestre: Estudo de outras obras de Lacan e de textos de outros autores dedicados à questão das relações entre fenomenologia e psicanálise (aprofundamento da problemática das afinidades e das tensões existentes entre essas duas perspectivas teóricas). Redação de um segundo artigo longo sobre a hipótese central dessa pesquisa: a temática do olhar como operador de uma ruptura com a fenomenologia husserliana e, portanto, capaz de articular a fenomenologia e a psicanálise de maneira inédita. Organização de um colóquio sobre fenomenologia e psicanálise na USP.

Quarto semestre: Organização dos resultados da pesquisa e elaboração de eixos temáticos. Mini-curso a ser ministrado na USP sobre o tema da pesquisa. Elaboração do relatório final a ser enviado à Fapesp e início da redação de um livro (em português) dedicado à questão do lugar da psicanálise (freudiana e lacaniana) no pensamento de Merleau-Ponty, que reunirá os resultados de nossa tese de doutorado e os resultados dessa pesquisa pós-doutoral.

VI. Disseminação e avaliação

Os resultados dessa pesquisa serão avaliados e disseminados não somente por meio de relatórios científicos enviados à FAPESP, mas também através da publicação de artigos e apresentações em colóquios. Pretendemos participar de colóquios nacionais de boa visibilidade como o colóquio da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e também apresentar nosso trabalho em eventuais colóquios internacionais, principalmente na França, em Portugal e na Bélgica, países nos quais temos contato com pesquisadores e professores que trabalham sobre temas similares aos nossos. Participaremos também das reuniões mensais organizadas pelo grupo de estudantes e pesquisadores afiliados ao professor Vladimir Safatle. Almejamos também organizar um colóquio na Universidade de São Paulo (USP) sobre o tema fenomenologia e psicanálise, no qual poderíamos não somente apresentar os resultados dessa pesquisa, mas também enriquecê-la através do intercâmbio com outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Finalmente, pretendemos publicar um livro em português sobre Merleau-Ponty e a psicanálise; livro no qual retomáremos os resultados de nossa tese de doutorado e os resultados desta pesquisa pós-doutoral.

VII. Bibliografia

1. Obras de Merleau-Ponty

La structure du comportement, Paris, PUF, 1942

Phénoménologie de la perception, Paris, Gallimard « Tel », 1945

L'œil et l'esprit, Paris, Gallimard, 1960

Signes, Paris, Gallimard, 1960 (1960 b)

Le visible et l'invisible, Paris, Gallimard « Tel », 1964

Sens et non-sens, Paris, Éditions Nagel, 1966

Résumé de cours, Collège de France, 1952-1960, Paris, Gallimard « Tel », 1968

La prose du monde, Paris, Gallimard, 1969

Les rapports avec autrui chez l'enfant, Paris, Centre de Documentation Universitaire, 1975

Merleau-Ponty à la Sorbonne, résumé de cours 1949-1952, Cynara, 1988

Parcours, 1935-1951, Lagrasse, Verdier, 1998

Parcours deux, 1951-1961, Lagrasse, Verdier, 2000

Psychologie et pédagogie et de l'Enfant. Cours de Sorbonne 1949-1952, Lagrasse, Verdier, 2001

L'institution, la passivité. Notes de cours au Collège de France (1954-1955), Belin, 2003

2. Obras de Lacan

Écrits, Paris, Seuil, 1966

Autres écrits, Paris, Seuil, 2001

Seminários publicados:

Les écrits techniques de Freud (S I), 1953-1954, Paris, Seuil, 1975

Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse (SII), Paris, Seuil, 1978

Les psychoses (S III), 1955-1956, Paris, Seuil, 1981

La relation d'objet (S IV), 1956-1957, Paris, Seuil, 1994

Les formations de l'inconscient (S V), 1957-1958, Paris, Seuil, 1998

Le désir et son interprétation (S VI), 1958-1959, Paris, Seuil, 2013

L'éthique de la psychanalyse (S VII), 1959-1960, Paris, Seuil, 1986

Le transfert (S VIII), 1960-1961, Paris, Seuil, 2001

L'angoisse (S X), 1962-1963, Paris, Seuil, 2004

Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (S XI), Paris, Seuil, 1973
D'un Autre à l'autre (S XVI), 1968-1969, Paris, Seuil, 2006
 L'envers de la psychanalyse (S XVII), 1969-1970, Paris, Seuil, 1991
 D'un discours qui ne serait pas du semblant (S XVIII), 1970-1971, Paris, Seuil, 2007
Ou pire (S XIX), 1971-1972, Paris, Seuil, 2011
Encore (S XX), 1972-1973, Paris, Seuil, 1999

3. Obras citadas e outros estudos importantes (lista não exaustiva)

ALTHUSSER L., *Psychanalyse et sciences humaines*, Paris, Librairie Générale Française/IMEC, "Le livre de poche", 1996
 AYOUCHE T., *Merleau-Ponty et la psychanalyse. La consonance imparfaite*, Lormont, Le Bord de l'eau, 2012
 BAAS B., *De la chose à l'objet : Jacques Lacan et la traversée de la phénoménologie*, Paris, Vrin, 1998.
 BARBARAS R., *De l'être du phénomène. Sur L'ontologie de Merleau-Ponty*, Grenoble, Jérôme Millon, 1991
 BARBARAS R., *La perception, essai sur le sensible*, Paris, Hatier, 1994
 BARBARAS R., "Le conscient et l'inconscient", in *Notions de philosophie I*, KAMBOUCHNER D. dir., Paris, Gallimard, 1995
 BARBARAS R., "Pulsion et Perception" in *Alter, La pulsion*, n° 9, 2001
 BEAUNE, J.-C. (org.), *Phénoménologie et psychanalyse : étranges relations*. Seyssel, Champ Vallon, 1998.
 BENOIST J., "Pulsion, cause et raison chez Freud" in GODDARD J.-C., *La pulsion*, Paris, Vrin, 2006
 BERNET R., "Existence corporelle et pouvoir du regard" in *Conscience et existence. Perspectives Phénoménologiques*, Paris, PUF, 2004.
 BIMBENET E., *Nature et humanité : le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 2004
 BINSWANGER L., *Introduction à l'analyse existentielle*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1971
 CABESTAN P., "La critique de l'ontologie sartrienne dans *Le Visible et l'invisible*" in *Chiasmi international*, Mimesis-Vrin- University of Memphis, n° 2 « De la nature à l'ontologie », 2000
 CIMINO, A. & KONTOS, P. (orgs.), *Phenomenology and the Metaphysics of Sight*, Leiden, Brill, 2015.
 COOREBYTER V., *Sartre face à la phénoménologie. Autour de « L'intentionnalité » et de « La transcendance de l'ego »*, Bruxelles, Editions Ousia, 2000
 DESCARTES, *Méditations métaphysiques* [Édition bilingue], Paris, Vrin, 1970
 DORFMAN, E., *Merleau-Ponty face au miroir lacanien*. Dordrecht, Springer, 2007.
 DUPORTAIL, G.-F., *Les institutions du monde de la vie : Merleau-Ponty et Lacan*. Grenoble, Jérôme Million, 2008.
 FREUD S., *Triebe und Triebchicksale*, Gesammelte Werke, v. X, Frankfurt, Fischer, 1946.
 GALHARDO P., "Merleau-Ponty, lecteur et critique de Sartre: liberté et facticité dans la *Phénoménologie de la Perception*", *Revista Ipseitas*, São Carlos, 2016, n.2 v.2, 196-215 (2016a)
 GALHARDO P., "Merleau-Ponty avec et contre Politzer: le sens et la force dans la psychanalyse freudienne", *Revista Dois Pontos*, Edição Especial Filosofia da Psicanálise, v. 13, n. 3, 2016, p. 177-186 (2016b)
 GREEN A., "Du comportement à la chair : itinéraire de Merleau-Ponty", in *Critique*, n° 211, 1964
 HUSSERL E., *Cartesianische Meditationen*, Hamburg, Meiner, 1995 [1913].

- HUSSERL E., *Ideen zu einer reinen phänomenologie und phänomenologischen philosophie*, Hamburg, Meiner, 2009 [1929].
- JULIEN P., *L'œil et le désir. La critique de Merleau-Ponty par Lacan*, Thèse de philosophie de l'université de Paris-VIII, 1972
- KOJÈVE A., *Introduction à la lecture de Hegel*, Paris, Gallimard « tel », 2000
- LAPLANCHE J. ET PONTALIS J.B., *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris, PUF "Quadrige", 1998
- LEGUIL C., *Sartre avec Lacan : corrélation antinomique, liaison dangereuse*, Paris, Navarin, 2012.
- OGILVIE B., *Lacan, la formation du concept de sujet*, Paris, PUF "Philosophies", 1987
- POLITZER G., *Critique des fondements de la psychologie*, Paris, PUF, 1974
- PONTALIS J. B., "La position du problème de l'inconscient chez Merleau-Ponty", in *Après Freud*, Paris, Gallimard, 1968
- PONTALIS J. B., "Présence, entre les signes, absence", in *L'Arc*, n° 46, 1971
- PRADO B. (org.), *Filosofia da Psicanálise*, São Paulo, Brasiliense, 1991
- RENAULT A., "L'ontologie merleau-pontyenne de la chair dans son rapport à la métapsychologie des pulsions" in *Alter, La pulsion*, n° 9, 2001
- RICHIR M., "Merleau-Ponty : un tout nouveau rapport à la psychanalyse", in *Les cahiers de philosophie*, n° 7, 1989
- RICŒUR P., *De l'interprétation, essai sur Freud*, Paris, Seuil, 1965
- RICŒUR P., *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1996
- RODRIGO P., "Merleau-Ponty et la psychanalyse. L'inconscient comme grandeur négative", in *Chiasmi international*, Mimesis-Vrin-University of Memphis, n° 4, Figures et fonds de la chair, 2002
- SAFATLE, V., "Os impasses do amor : Sartre, Lacan e o problema do reconhecimento do desejo" In MOUTINHO L. et al. (orgs.). *Questões de filosofia contemporânea*. São Paulo, Discurso Editorial, 2006
- SAFATLE, V., *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*, São Paulo, Edunesp, 2003.
- SAFATLE, V., *La passion du négatif : Lacan et la dialectique*. Georg Olms Verlag, 2010
- SAINT AUBERT E., *Du lien des êtres aux éléments de l'être*, Paris, Vrin, 2004
- SARTRE J.P., *La transcendance de l'ego et d'autres textes*, Paris, Vrin, 2003
- SARTRE J.P., *L'être et le néant*, Paris, Gallimard, 1943
- SIMANKE, R. T et al. (orgs.). *Filosofia da Psicanálise: autores, diálogos, problemas*, São Carlos, Edufscar, 2001
- VAUDAY P., "Sartre et le paradoxe d'une psychanalyse sans inconscient" in *Ornicar*, n°32, 1985